

VISÃO DO CORREIO

Machismo também leva à baixa fecundidade

A queda histórica na taxa de fecundidade no Brasil, detalhada na semana passada pelo IBGE, desperta debates sobre temas como o envelhecimento acelerado do país, a ruptura com a cobrança social pela maternidade, a consolidação do planejamento familiar e o aumento do grau de escolaridade entre as mulheres. Como todo o fenômeno complexo, as possibilidades de análises são diversas. E a perspectiva considerando a relação desigual entre gêneros precisa ser uma delas. Em um país estruturalmente machista, decidir não ser mãe ou ter poucos filhos pode ser também uma questão de sobrevivência.

Se não, como se manter em um mercado de trabalho avesso à maternidade? Não faltam estudos indicando uma taxa de demissão significativa — que deixaria qualquer especialista em alta rotatividade empresarial sem sono — entre as mulheres que voltam da licença-maternidade. Famosa pesquisa da Fundação Getúlio Vargas (FGV) intitulada Mulheres perdem trabalho após terem filhos revela que, depois de 24 meses do afastamento garantido por lei, metade delas sai do mercado.

Quando não são demitidas, sucumbem a dificuldades como falta de creches, de flexibilidade no horário de trabalho e de alguém para compartilhar os cuidados com a prole. Há de se lembrar que o abandono parental é regra no Brasil. Também o Censo 2022 indica que o número de mães solo é seis vezes maior que o de homens na mesma condição: de todos os adultos que moram sozinhos com os filhos no país, 86,4% são mulheres.

A disparidade salarial deixa o cenário ainda mais desfavorável. Mães solteiras têm a menor renda familiar do país. Dados mais recentes da Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílio (Pnad), referentes a 2022, mostram que o rendimento das mães solo no Brasil é 39% menor do que o dos homens

solteiros e com filhos: média de R\$ 2.105 e R\$ 3.443, respectivamente. A questão de gênero fica ainda mais evidente quando se considera que a renda média dos pais casados é praticamente a mesma da dos pais solos: R\$ 3.438.

O cenário tão desfavorável no mundo do trabalho se repete em outras esferas sociais, abrindo espaço para a prática de outros abusos. Portanto, não é exagero afirmar que a violência de gênero pode levar mulheres a escolherem não formar grandes famílias ou terem filhos. Estar grávida ou puérpera é, inclusive, considerado condição de maior vulnerabilidade no formulário de avaliação de risco para feminicídio elaborado pelo Conselho Nacional de Justiça. Isso porque o parceiro costuma ficar mais violento ao perceber que terá que dividir a mulher com outra pessoa, ainda que seja um filho.

O país que está abaixo do nível de reposição demográfica — quando a média de filhos necessária para que o tamanho da população se mantenha (2,1 contra 1,55) — é também o que impede mulheres de envelhecerem (10 são vítimas de feminicídio por dia, segundo o Atlas da Violência 2025) e que deixa marcas profundas nas sobreviventes (25% das vítimas de violência doméstica têm até 14 anos, sendo 45,7% dos casos ligados à violência sexual, por exemplo). Portanto, precisa urgentemente implementar medidas que revertam ou amenizem todos esses cenários.

Negar a maternidade ou ter poucos filhos é, sem dúvidas, reflexo do imperioso processo de emancipação feminina. Mas seguir um caminho contrário pode ser tão desafiador quanto. Mulheres não devem fazer escolhas, quaisquer que elas sejam, acudadas por um sistema de crenças e práticas que as inferioriza. O Brasil de poucos bebês ainda tem muito a avançar rumo a uma igualdade de gêneros plena.



ROSANE GARCIA
rosanegarcia.df@cbnet.com.br

O Brasil e suas incoerências

A menos de cinco meses do início da 30ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP30), a anfitriã Belém do Pará receberá altas autoridades mundiais, cientistas, ambientalistas e líderes de diferentes grupos da sociedade civil. Entre 10 e 21 de novembro de 2025, os participantes terão que discutir, apontar e assumir compromissos que assegurem a vida no planeta.

Nada chegará a ser inédito. Na ECO-92, ocorrida no Rio de Janeiro, o tema aquecimento global constava da agenda mundial. Os anos se passaram e a relação humana com o meio ambiente seguiu agressiva. Na escala de valores, a vida das pessoas, das gerações futuras perderam importância diante da ganância dos detentores de poder e dos líderes do mundo empresarial.

As políticas públicas para o meio ambiente oscilam a cada período de governo. Há projetos que compactuam com a deterioração das áreas de preservação, que impactam todo o ecossistema e, inclusive, vidas humanas. Outras, voltadas à preservação do patrimônio natural, esbarram na resistência do poder político e econômico. Os fenômenos climáticos, cada vez mais agressivos, com danos irreparáveis, não sensibilizam os antiambientalistas.

Em 2015, o Acordo de Paris foi assinado por 195 países, um sinal de compromisso de revisão das relações com o meio ambiente e a redução gradual das emissões de gases de efeito estufa. A comitiva brasileira, liderada pelo então ministro Sarney Filho, teve participação, considerada excelente, nas

negociações com vários líderes, quebrando resistências ao acordo.

Porém, os compromissos não foram levados a sério, nem mesmo pelo Brasil, que abriga a maior e a mais invejada floresta tropical do planeta. Tem um Cerrado, rico em espécies animais e vegetais — muitas ainda não descritas pela ciência e alvo da cobiça dos mais diferentes ramos da indústria. Esses dois biomas têm sido violentados das mais diferentes formas, causando graves danos às comunidades que neles vivem.

Preservar a Amazônia e a riqueza da sua cobertura vegetal foi mais discurso do que ação. Desmatamentos e queimadas, com finalidades criminosas — tráfico madeira, mineração ilegal, usurpação de territórios indígenas, quilombolas e até de agricultores familiares — chamaram a atenção até das mídias internacionais.

Mesmo sendo extremamente relevante e necessário, o quanto antes, abolir os combustíveis fósseis, para reduzir o aquecimento global, o país discute a instalação de novas frentes de exploração de petróleo em áreas ambientalmente frágeis. Hoje, a área mais visada é a Margem Equatorial, na Bacia da Foz do Amazonas, localizada na costa do Amapá e Pará. Por mais que seu potencial seja estimado em bilhões de barris, não há como negar que é uma iniciativa na contramão da necessidade de se conter o uso de combustível fóssil. A COP30 está a caminho. Espera-se que, ante o agravamento dos fenômenos climáticos, haja uma transição que elimine as incoerências até agora dominantes.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Atendimento

Tanto na área pública quanto na área privada, precisam ser entendidos dois princípios básicos do “bem atender”: o da gentileza e, em especial, o da competência técnica. Ambos voltados a resolver o problema do contribuinte/cliente. Isso posto, propomo ao governo, para a área pública, o desenvolvimento de um programa Bem Atender, onde todos os contribuintes tenham soluções administrativas para os seus problemas. Hoje, 90% dos casos vão para a Justiça, pois os funcionários públicos não querem correr riscos de resolvê-los ou mesmo não têm competência expressa em lei para tomar decisões. Acorda, Congresso Nacional. Vamos acreditar nos funcionários públicos e dar-lhes responsabilidades através de lei.

» **Domingos Sávio de Arruda**
Asa Norte

Planos de saúde

Quem, infelizmente, precisa pagar plano de saúde particular vem sofrendo e sendo achacado pelas operadoras. Nos últimos cinco anos, os reajustes são superiores a 23%, sem qualquer explicação e justificativa e sem qualquer fiscalização e auditoria da agência que deveria regular e fiscalizar esse mercado tão importante, a Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS). Planos, como Amil, Cassi, Hapvida etc., estão aplicando reajustes abusivos inclusive nos planos individuais e por adesão, onde não podemos negociar nada. Ou aceita a extorsão ou perde o plano. Não é possível que tamanho problema não seja alvo de ação do Ministério Público, da ANS e do Congresso Nacional. Até quando estaremos totalmente desamparados?

» **Erica Maria Holanda**
Asa Sul

Companheirismo social

O Estado moderno surgiu como instrumento de organização coletiva, estruturado para garantir ordem, segurança e direitos fundamentais. No entanto, sua legitimidade não advém apenas do monopólio da força ou da legalidade formal, mas também da capacidade de cultivar laços de confiança e cooperação entre os cidadãos — aquilo que se pode chamar de companheirismo social. “Companheirismo/ Não é sobre ter uma aliança/para enfeitar o dedo./É sobre ter alguém para ajudar/a carregar as sacolas do mercado./Elas pesam um bocadinho!” — adverte a poeta Evelin Moreira, em Cemitério de coisas vivas (2024). Vivemos tempos desafiadores — e, por isso mesmo, tempos que exigem

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Consolo para a torcida do Flamengo: Se é Bayern, é bom.

Abraão F. do Nascimento — Águas Claras

Mundial de Clubes: o Inter de Milão bem que queria terminar o jogo em pizza, mas teve de engolir um Flu à milanesa!

Marcos Paulino — Vicente Pires

Parlamentares de oposição afirmam que a sociedade quer um governo que gaste menos. Será que o desejo popular é para dar a chance de deputados e senadores terem uma vida mais nababesca financiada com os impostos pagos pelos pobres?

Ivone Oliveira — Jardim Botânico

The Economist diz que Lula é “incoerente no exterior” e “impopular no Brasil”. Realmente, a coisa tá feia para o presidente em qualquer cenário. Com eleições tão próximas e erros frequentes de gestão, vai ser difícil melhorar essa imagem!

Antônio Fonseca — Asa Sul

consciência, coragem e compromisso com o bem comum. Quando cada um age apenas em função do próprio interesse, sem olhar para o impacto de suas ações, comprometemos o que é de todos. Um país não se constrói com egoísmo — constrói-se com responsabilidade compartilhada

» **Marcos Fabrício**
Asa Norte

Mundial de Clubes

O objetivo maior do esporte é a confraternização universal. Onde os contendedores são adversários, e não inimigos. Na Copa do Mundo de Clubes da Fifa, infelizmente no embate entre o Flamengo e Bayern de Munique, num jogo emocionante, o Flamengo jogou bem, mas cometeu imperdoáveis erros e foi derrotado por 4 a 2. Mas o jovem e competente treinador, Felipe Luiz, foi destaque. O fair-play do Felipe Luiz foi exemplar. Confraternizando com os adversários e confortando os jogadores do Flamengo. Bem di-

ferente do ex-técnico da Seleção Brasileira Tite, que, coisa feia, sumia de cena nas derrotas em vez de enaltecer o adversário e confortar os nossos atletas. Afinal, ganhar ou perder faz parte do esporte.

» **Humberto Schuwartz Soares**
Vila Velha (ES)

Brilha Bortoleto

Em trabalho incrível no Grande Prêmio da Áustria, Gabriel Bortoleto conquistou a oitava posição. Em sua 11ª corrida na Fórmula 1, marcou seus primeiros pontos na categoria! A vitória foi de Lando Norris, mas a alegria foi verde e amarela com o talento do brasileiro brilhando nas pistas. Que seja só o começo, Bortoleto! Continue evoluindo, está no caminho certo. Logo, vem o pódio. Bortoleto representou muito nossa bandeira, a estrela brilhou mais uma vez. Vibrei com sua performance. O caminho é acelerar. Muito orgulho em ver um piloto nacional competitivo e brigando por pontos. Obrigado pela emoção e por nos proporcionar um final de semana cheio de nostalgia! Além disso, Bortoleto foi eleito, por votação, como o “piloto do dia”. Primeiro de muitos. Foi gigante, magistral! Andou bem, fez boas ultrapassagens. Bortoleto tem muito futuro, merece um carro melhor. É o Brasil de volta à Fórmula 1! É a primeira vez que um brasileiro pontua desde 2017, com Felipe Massa, no GP dos Emirados Árabes Unidos.

» **José Ribamar Pinheiro Filho**
Asa Norte

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houera, lá chegara”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

| Localidade | SEG/SÁB | DOM |
|------------|----------|----------|
| DF/GO | R\$ 5,00 | R\$ 7,00 |

Assine
(61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp

*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.
Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 991.58.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em emprebo terão valores diferenciados. Assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

Anuncie
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edilson Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A. Press. Tel: (61) 3214-1131



D.A. Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF;
de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.udapress.com.br